



Universidades Lusíada

Almeida, João Serra de

Percursos do adolescer : da (in compreensão sobre o (in)pensável

<http://hdl.handle.net/11067/5564>

<https://doi.org/10.34628/a7jd-1063>

Metadados

Data de Publicação

2019

Resumo

O Sec.XXI tem trazido inúmeros desafios aos jovens, bem como, aos seus respectivos pais ou entidades responsáveis. Desde os novos consumos e as novas adições, aos processos gaming e novas tecnologias, novas considerações sobre os conteúdos sexuais e as relações em si, aos processos sintomáticos que revelam patologias severas de fundo, até às relações cada vez mais distantes e sem tempo, espaço ou lugar para existir. Por outro lado, cada vez mais os jovens têm mais informação, contudo cada vez me...

The Sec.XXI has brought innumerable challenges to the young, as well as, to its respective parents or responsible entities. Since the new consumptions and the new additions, to the processes gaming and new technologies, new considerations on the sexual contents and the relations in itself, to the symptomatic processes that disclose severe patologias of deep, until the more distant relations each time and without time, space or place to exist. On the other hand, each time more the young has more ...

Palavras Chave

Automutilação na adolescência, Criatividade na adolescência

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 10, n. 2 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T08:34:16Z com informação proveniente do Repositório

**PERCURSOS DO ADOLESCER – DA (IN)
COMPREENSÃO SOBRE O (IN)PENSÁVEL**

**ADOLESCENCE'S PATHWAYS – UNDERSTANDING
THE UNTHINKABLE**

João Serra de Almeida

ISPA – Instituto Universitário

Resumo: O Sec.XXI tem trazido inúmeros desafios aos jovens, bem como, aos seus respectivos pais ou entidades responsáveis. Desde os novos consumos e as novas adições, aos processos gaming e novas tecnologias, novas considerações sobre os conteúdos sexuais e as relações em si, aos processos sintomáticos que revelam patologias severas de fundo, até às relações cada vez mais distantes e sem tempo, espaço ou lugar para existir. Por outro lado, cada vez mais os jovens têm mais informação, contudo cada vez menos desenvolvem defesas contra os seus estados internos que os possibilitem a enfrentar o dia-a-dia e se desenvolverem de forma sadia. Assim, este artigo pretende ser o primeiro, teórico, que se debruçará sobre o processo adolescente e respectivos organizadores, processos auto-mutilatórios e a criatividade como ponte à compreensão dos respectivos processos. Num segundo artigo a publicar, serão apresentados casos clínicos tendo em conta as considerações do presente artigo.

Palavras-chave: Adolescência; Auto-mutilação; Criatividade.

Abstract: The Sec.XXI has brought innumerable challenges to the young, as well as, to its respective parents or responsible entities. Since the new consumptions and the new additions, to the processes gaming and new technologies, new considerations on the sexual contents and the relations in itself, to the symptomatic processes that disclose severe patologias of deep, until the more distant relations each time and without time, space or place to exist. On the other hand, each time more the young has more information, however each time less develops defenses against its internal states that make possible them to face day-by-day and they will be developed of healthy form. Thus, this article intends to be first, theoretical, that it will lean over on the adolescent process and the respective organizadores, processes auto-mutilatórios and the creativity as bridge to the understanding of the respective processes. In as an article to publish, clinical cases will be presented having in account the considerações of the present article.

Keywords: Adolescence; Auto-mutilation; Creativity.

Introdução

Sobre o que perturba

Hoje em dia assistem-se a profundas mudanças sociais, reflectidas nos jovens.

Como tópicos essenciais, e observados pela experiência profissional, destaca-se a falta de tempo interno e do espaço mental ao pensamento sobre si próprios, sobre os outros e sobre as relações entre jovens

e jovens com familiares. De realçar que estes pontos são de extrema importância, uma vez que será neste pensamento que se estabelece a identidade, a diferenciação e o surgimento do sujeito, da sua marca, do seu lugar.

Neste sentido, a própria sociedade, constituída por referentes sujeitos, teme-se por ser encontrada enquanto exausta, alucinante e cada vez mais sem termo de respostas às possibilidades e impossibilidades internas e da relação. Esta falta, vazio ou carência, atiram as pessoas a buscas infundáveis de preenchimento narcísico, o que revela, além de falta de amor-próprio, um profundo desagrado na forma em como é vivido, existido e sentido o amor entre sujeitos. Aprendeu-se, no fundo, ao desamor.

Esta sensação de falta, muito embora seja perseguida e persecutória de ser compreendida e sentida, não diria em todos os casos, mas em grande parte, revela a sensação de uma pre-ocupação interna, impeditiva do estabelecimento de relações seguras entre familiares, nomeadamente entre pais e filhos.

Esta incapacidade, ou dificuldade em pensar o que é interno e criar ligações entre lugares, sentidos e sentimentos, leva a que surja uma certa desadequação na leitura do que se faz, ou uma certa imaturidade psíquica para compreender o que é feito e o que não é feito ou deixado por fazer.

Desta incontinência ou inconsistência emocional, onde sujeitos se compreendem mutuamente, onde o continente encontra o conteúdo e por via do acto de sonhar, sintetiza e metaboliza, as sensações, pré-conceitos, que associados à experiência e à aprendizagem da mesma originam conceitos e vínculos entre sujeitos, nascem certos movimentos que são notórios no seu reflexo em, por exemplo, meio familiar ou meio escolar.

Neste sentido, proliferam movimentos excitatórios, promotores da desorganização, desarticulação e empobrecimento do pensamento/cultural, ou seja, funcionamento pelo princípio do prazer num certo desadequamento na forma como se reflecte; Existe, no meio envolvente/relacional, uma certa desresponsabilização do acto e desrespeito pela figura de autoridade, como que um acerta impunidade na forma como os lugares são re-conhecidos, talvez, uma mudança no olhar que a figura de auto-

ridade adquire; ocorre, também, a perda de sentido, ou propriamente a ausência de um sentido à vida, ou uma dificuldade em sonhar um futuro, um lugar onde estar; existem, quer em crianças, quer em adolescentes, contextos de violência cada vez mais demarcados e precoces; surgem contextos de violência doméstica, negligência, abandono ou abusos, bem como agressões físicas, verbais, psicológicas, de entre outras formas; a nível de consumos, tende-se a viver um lugar onde a banalização decorre sem, muitas vezes, ocorrer um processo de busca de informação sobre o que consumir, como consumir, em que circunstâncias e quais os precedentes, sintomas e consequências desses mesmos consumos; a nível dos consumos, refere-se que a internet e o jogos, ou gaming, aditivos na sua essência, afastam pessoas de pessoas, e remetem a um estado indefinido de ligação permissiva, excessiva e fornece a sensação de que a fantasia é trocada por estados de passagem do agido, cada vez mais não há um tempo de espera, um tempo de imaginação ou de sonho; Este tempo de dificuldade em esperar, aguardar e pensar sobre o que se está a sentir, poderá denotar a dificuldade em gerir emoções, significar estados emocionais, ligações entre a experiência e o que se sente; por outro lado, será reflexo, também, da intolerância à frustração e necessidade de consumo imediato, em que por quase nada, a quem está de fora, a desorganização impera, bem como a impulsividade e o acting agressivo; por fim, o contexto educativo, neste caso, professores e auxiliares técnicos/as surgem como entidades transmissoras de conhecimento e referentes aos cuidados, por vezes, primários; Os alunos, em grande parte questionam-se pelo porquê de matérias desenquadradas ou não possuírem sentido, como se algo fosse sentido como errado e que necessita de mudança, numa adaptação e flexibilização tendo em conta o contexto actual, tanto social, como tecnológico.

Sobre estas problemáticas, Stretch (2017, 2011) identifica temas fulcrais que necessitam de revisão e aprofundamento, quer sejam pelas mudanças sociais, familiares, processuais da adolescência, quer seja pelas mudanças escolares operantes e fundadoras de uma segunda casa aos jovens estudantes. Assim, identifica-se a constante transformação do Self escolar, do corpo, dos meios sociais e novas tecnologias e suas consequências ao desenvolvimento psico-sexual, o conceito de imagem do eu, o contexto da sexualidade, consumos, como se formam e

estruturam os grupos, a emergência de reunir pais e filhos em trabalho dos respectivos vínculos, os trajetos escolares e profissionais e as problemáticas predominantes da saúde mental que tendem a ser emergentes no contexto da adolescência.

Sobre a adolescência

A adolescência tem sido pensada como um lugar em transformação. Como tal, pode-se pensar a adolescência enquanto um momento de crise, de turbulência, emergência, mudança, transformação e re-organização dos conteúdos/pulsões internas do sujeito adolescente, do seu mundo psíquico, onde os pensamentos procuram o pensador/barreira para-excitatória, que por meio da relação, irá transmitir ao seu espaço interno novas formas de se relacionar com os seus objetos internos. Assim, podemos pensar este processo como os objectos que ganham outras tonalidades/significados numa re-organização, ou como as relações virem a assumir novos contornos/formas de expressão nos meios relacionais dos adolescentes (Greenberg & Mitchell, 2003).

Por outro lado, pode-se pensar na adolescência enquanto um meio intermédio entre o ser criança e o ser adulto, entre as problemáticas que re-tornam em espera de compreensão, e as problemáticas que se avizinham em torno do ser adulto. Aqui as tarefas e objectivos do ser adolescente entram em diálogo com o lugar do ter sido criança, quer sejam as tarefas e objectivos, como as angústias, defesas, ansiedades, padrões relacionais, tipos de vínculos estabelecidos e com o lugar de vir a ser adulto, com a procura de um sentido social e profissional, as preocupações, ansiedades e angústias de estar só consigo mesmo e de poder ter o seu lugar e procurar desenvolver família, o seu novo lugar em relação com um outro. Assim, a adolescência pode ser vista enquanto lugar de transição. Estes lugares de transição revelam-se, permitindo o crescimento interno associado à dor e medo de seguir em frente “Going on being” (Strecht, 2011), colocando o adolescente num lugar entre o medo e o desejo de crescer, sendo este processo tanto mais patológico, quanto as defesas do adolescente assim falhem.

A adolescência encerra uma temática predominante entre o ser dependente e o ser independente ou auto-suficiente, autónomo e capaz

de andar por si mesmo. Neste sentido, podemos caracterizar as fases de separação e individuação de Mahler ou o processo de amadurecimento de Winnicott como sendo os lugares em que o sujeito poderá presenciar em relação a si mesmo diversas modificações e transformações que lhe permitem, do ponto de vista cognitivo, emocional e comportamental desenvolver defesas que lhe permitam desenvolver-se de uma forma sadia e suficientemente boa. A ideia de depender recorre a um elemento externo como forma de enfrentar as suas dificuldades, o que será diferente de recorrer a este terceiro como uma escolha não determinada e sem dela depender inteiramente. Aqui o sujeito conseguirá progressivamente explorar o mundo sem que dele sinta medo paralisante, conseguirá tolerar as amarguras e dissabores do desconhecido, conseguirá tolerar os aspectos negativos da existência, conseguirá sonhar e fantasiar sobre si e sobre o seu ideal enquanto pessoa, conseguirá transformar e ousar colocar-se em lugares de risco de forma a marcar a sua diferença, no fundo, conseguirá ter extraído e consolidado bases suficientemente boas, ou consistentes, dentro do seu espaço psíquico que venham a possibilitar a força psíquica e a vitalidade do ser e existir.

O corpo tende a modificar-se desde o início da puberdade até ao ser adulto. O pré-adolescente, fase de puberdade e posteriormente na adolescência em si prova transformações profundas no corpo. Surgem os movimentos hormonais, o surgimento da menstruação, a primeira ejaculação no rapaz, as mudanças na voz, o aparecimento dos pelos púbicos, a mudança estrutural quer a nível muscular, quer a nível ósseo, o aparecimento da maçã-de-adão nos rapazes, a modificação a nível externo e interno dos órgãos sexuais femininos e masculinos, o tamanho que cresce do próprio corpo, por de entre outras modificações. A nível psíquico, o interesse pelo embelezamento, ou o afastamento e esconderijo do corpo, os fantasmas narcísicos, a sensação de inadequação e estranheza relativamente ao corpo, as fantasias face a este mesmo processo, novos processos de identificação e estruturação da identidade sexual e de desejo perante o objecto e perante a relação com o sexo oposto ou com o mesmo sexo, as problemáticas transexuais, o corpo como armadura, como involucro/continente das angústias no lugar da psicossomática, ou a desorganização e fragmentação dos estados borde e psicóticos, o ataque constante do hipocondríaco, ou a paranoia

que irrompe das eminentes ameaças do exterior, o corpo que não se aguenta por ser um sufoco, ocupado por outros, o corpo em depressão ou esvaziado, o corpo mole sem estrutura, o corpo rígido, objecto de desejo em Id, ou recluso das forças superegoicas, o corpo castrado, por de entre outros movimentos psíquicos simbólicos. Como tal, e não especificando exaustivamente os movimentos psíquicos e os movimentos factuais a nível externo e interno do próprio corpo em si, o que será de realçar apresenta-se como a forma como o adolescente lida com estas mesmas transformações, ou seja, qual a intensidade e capacidade de lidar com os movimentos psíquicos que permanecem associados a estas transformações, o que pode ser mais, ou menos turbulento mediante a estrutura psíquica do adolescente.

Em Strecht (2011) o corpo tem uma evolução conceptual que tem vindo a ser invadida pelas dinâmicas sociais emergentes. Sendo a presente sociedade demarcada pelo cariz narcísico do culto da imagem, pelo ideal insaciável de perfeição e de beleza, as enormes diferenças entre os sexos que se tendem a esbater, o investimento sexual precoce que muitas vezes surge sem maturação psíquica ou quando surge vem invadido por moções primárias e agressivas transmitidas, por exemplo, pelos meios de comunicação social e pelos conteúdos cada vez mais intrusivos da pornografia, a ausência/diminuição da conjugação sexual e das representações afectivas e a incapacidade do adolescente se olhar ao espelho e não se tolerar no ódio que sente pela frustração incutida à impossibilidade de atingimento do referido ideal, vêm a modificar a relação do eu com o corpo e os seus respectivos desenvolvimentos sadios.

Um outro aspecto da adolescência será a formação dos grupos. Progressivamente os adolescentes vão formando grupos com os quais se identificam, partilhando a identidade e construindo-a, processando novos objectos de identificação, desvinculando-se dos seus pais, ganhando progressivamente um sentido de pertença e união onde características dos próprios se revelam e transformam no seio do grupo, que se num momento inicial tende a ser representado por sujeitos do mesmo sexo, com o passar do tempo, da sexualização e escolha de objecto sexual e de desejo, passa a ser misto. Por outro lado, novas aventuras, explorações e percursos a percorrer serão pensadas e levadas a cabo no seio do grupo, que além de um lugar identitário, servirá enquanto lugar

de contenção, sonho e vinculação. No grupo, normalmente os conflitos dos adolescentes tendem a manifestar-se, urgindo o pensamento sobre os mesmos, ou seja, num certo sentido, a própria escolha do grupo será condicionada pelas próprias problemáticas do sujeito e, também, do meio em que está inserido. No grupo, o sujeito poderá querer sentir-se olhado e sentido, compreendido e num espaço relacional de esperança, amparo e de inter-ajuda. Este lugar será o palco do que o psicanalista Moses Laufer afirmou “Going on being”, ou seja, prosseguir, sendo quem se é, numa logica de transformação e re-organização. No grupo revelam-se as feridas e as fragilidades psíquicas na espera de contenção ou de um pensador que as pense e sonhe. O grupo poderá ser, como Kernberg referiu um continente às ansiedades e na falha da tolerância das mesmas, controlo dos impulsos e um meio de simbolização. Será também, um lugar onde se desenvolve a empatia e a consequência do acto que se pratica para com o outro.

O grupo possibilita a transformação. As relações estabelecidas, serão condutoras à adequação do adolescente à sua capacidade de simbolizar os impulsos sexuais agressivos e sexuais, será um eco, um lugar de pertença, um reflexo/espelho, a possibilidade de emergirem, num sentido reparador ou intensificador de dinâmicas passadas relacionais, onde o ódio, ou a capacidade de criar, transformar, amar, dar, aceitar e integrar o outro e a diferença. Os amigos serão sempre as partes do adolescente que se avivam no exterior, com quem se estabelecem vínculos antigos ou se renovam esses mesmos vínculos. Aqui, o afecto, o amor, as ligações e o divertimento/gozo, são essenciais ao desenvolvimento sadio.

A adolescência será o tempo em que o desenvolvimento psico-sexual se processa. Com o desenvolvimento do corpo, de pré-genital a corpo genital, com a canalização do desejo a um determinado objecto (rapaz ou rapariga), estabelecimento da constância objectal e relacional, e a identificação a um determinado género e sexo, o sujeito poderá orientar-se a uma determinada escolha sexual, claro, processo este inconsciente e procedido pela perda da bi-sexualidade psíquica. Neste processo e sendo típica a desorganização e a desadequação a nível da proximidade dos adolescentes, estes irão estabilizar e organizar em determinados limites os seus níveis relacionais, estabelecendo, desta forma o espaço do eu, intimidade física e psíquica, e o espaço do outro, criando,

posteriormente, um espaço comum de envolvência relacional. Este espaço, intersubjectivo, será aquele que funcionará como um meio de conhecimento e exploração dos adolescentes, onde as suas dinâmicas internas se vêm a revelar, transformar e re-organizar. Neste espaço serão criadas memórias afectivas e emocionais resultantes da própria experiência prévia dos adolescentes pelos seus modelos relacionais e pela sua própria experiência e aprendizagem. Todas as experiências e contactos físicos e emocionais serão representadas e simbolizadas numa organização narcísica primária, da relação eu-eu, e narcísica secundária, relação eu-outro, numa concordância, consistência do estar para o outro, complementar e concordante com o bem-estar do eu e do outro, fomentando relações saudáveis e propícias ao sadio desenvolvimento progressivo dos adolescentes. Todas estas experiências deverão ser supervisionadas e pensadas num lugar-comum familiar e, posteriormente, delimitadas e integradas pelos adolescentes. Ainda sobre este tema, os objectos relacionais parentais edipianos deverão ser dessexualizados de forma ao adolescente se possa canalizar à relação para com os outros pares. Como tal o conflito edipiano precisa de ser re-vivido e posteriormente resolvido, de forma a que a passagem de interesse do adolescente dos objectos paternos para os objectos pares, possa ser levado a cabo.

No desenvolvimento psico-sexual dos adolescentes, existem fases que deverão ser tidas em conta. A primeira, no início da puberdade, deverá ter em conta as fantasias da masturbação, organização do desejo, real e imaginária, descoberta e maturação do corpo e integração saudável da relação afectiva à sexualidade em si. Deve-se ter em conta a segurança narcísica do eu, escolha sexual dos objectos de amor e sexuais, possibilidade de constituírem a respectiva identidade e de terem uma almofada, porto seguro. A segunda fase, dos 15 aos 16, têm-se as primeiras experiências afectivas e sexuais, onde se deve promover o afecto e a relação emocional, com boa integração das respectivas experiências. Aqui desenvolve-se o estar para o outro, e com o outro, a capacidade de integração da impulsividade e da frustração. Deve-se promover a imaginação, o sonho, a sublimação e capacidade criativa e amorosa e apaixonada.

A família dos jovens apresenta-se, cada vez mais, em plena transformação e re-organização. Em primeiro lugar, será relevante referir, sucintamente, o modelo centrípto, que os adolescentes são aglutinados,

levados ao acto regressivo e gratificados por isso, dependência e incapacidade de lidar com a separação em si, promovendo a culpa e o medo de separação; e o modelo centrífugo, em que os são pais que negligenciam e abandonam os seus filhos, empurrando-os para um desenvolvimento precoce do ser adulto e para relações externas adultas. Será muito importante ter em conta que os pais, enquanto sujeitos primordiais no desenvolvimento psico-sexual dos adolescentes, outrora crianças, bebés e projecto-sonho, serão os modelos relacionais, identitários e de identificação basilares dos adolescentes. Por outro lado, existe uma sobrecarga parental no que respeita às preocupações escolares, quase que esquecendo o contexto emocional, pela falta de criação de ligações e representações no que respeita a outros temas típicos da adolescência. Existe, nos tempos correntes, uma certa inadequação sobre a forma como se obtém informações sobre o adolescente, pelo que existe o risco de invadir o espaço privado dos adolescentes, impossibilitando de certo modo, o adequado desenvolvimento e pensamento auto-reflexivo, bem como as referidas confusões e deslimitações do tempo, espaço e lugares entre os mesmos e progressiva autonomização, quem sabe, podendo ser relacionada com a culpa de não haver tempo em família, nem espaço para conter as angústias próprias destas idades. Os pais deverão ter em conta que os filhos esperam integrar-se, relacionar-se, pedir ajuda quando necessitem, deverão sentir-se valorizados, manter desenvolver relações de confiança e seguras, valorização e construção interna e externa. Os pais deverão ser os promotores de estilos de vida diversificados e saudáveis, sendo que deverão moderar o tipo de estimulação que fornecem aos seus filhos, prática de programas em família e em amigos, promover a aprendizagem na adolescência pela experiência, pretendem aprender a estar sós e a saber lidar com as dificuldades e, como tal, a encarar a realidade tal como ela é. Os comportamentos serão sempre o reflexo da base emocional de cada adolescente, bem como das suas problemáticas e pontos fortes, deverão atender ao seu espaço e tempo, e trabalhar as transformações operantes e a arte de comunicar o que se sente e pensa, bem como ter em conta que os adolescentes guardam tudo dentro de si, sendo imprescindível que comuniquem e dialoguem com alguém que seja compreensivo e saiba escutar, compreender e sentir. A relação entre pais e adolescentes deve basear-se na

compreensão do aqui e agora com uma certa projeção ao futuro, funcionando os pais como modelos seguros e expositivos dos riscos que a adolescência comporta, deverão funcionar como modelos de resiliência e protectores, mas não excessivos ou a nível de uma rigidez autoritária ou dependência excessiva. Este tipo de metodologias fornecerão a capacidade simbólica bem como um preenchimento interno muito rico.

Existem dinâmicas que mudam na relação entre pais e adolescentes (Strecht, 2018; Sampaio, 2006, 2002, 1998). Deverão ser efectuados lutos das idealizações e adaptações aos tipos de relação estabelecidos entre pais e filhos no que toca à separação, individuação e ganho de autonomia. Os estilos parentais, desde os autoritários, democráticos, permissivos ou rejeitantes/negligentes, exercem forças na relação com os filhos. Aqui, podem surgir posteriormente dinâmicas que vão desde a quebra de limites e regras, abandonadas e desresponsabilizadas dos adolescentes para consigo e para com o outro, dificuldades em se autonomizar progressivamente física ou mentalmente, fugas para a frente ou consumos, agressividades auto e hétero dirigidas, impulsividade (por de entre outros sinais). Os pais, servem enquanto modelos de identificação (feminino, masculino, relacionais, a nível da dinâmica de casal, enquanto pais ou mães etc.), são os pilares da estruturação do processo de construção identitário, bem como serão os principais atuantes em conjunto com os filhos, de movimentar os processos de separação/autonomia física, social e psíquica dos seus filhos. Portanto, deverão permanecer num espectro de autonomia vs. dependência e de separação vs. individuação, onde de acordo com Winnicott deverão atender incondicionalmente às necessidades básicas dos filhos, exigências, de onde se realçam às capacidades maternas primárias, parentalidade suficientemente boa e o *take care*, o *holding* e o *handling*. Os pais deverão ser capazes de ter em conta as frustrações do bebé, as suas próprias frustrações, ansiedades e expectativas vs. realidade. Os pais deverão conseguir planear conjuntamente, conseguirem correr riscos próprios do desenvolvimento dos filhos, serem espontâneos, deverão questionar-se, sonhar sobre os seus filhos, promover a adaptação e consequentemente a re-definição de prioridades escolares, familiares, económicas, sociais, deverão ajustar-se entre a hiperprotecção dependente e a negligência narcísica, deverão permitir que os seus filhos possam

lidar com as falhas e erros, não deverão ser o centro a 100% das suas vidas, deverão marcar limites, regras e barreiras de forma carinhosa/saber ouvir e integrar o não.

Surgem lutos na vida interna dos adolescentes (Strecht, 2018, 2017; Marques, 2001; Sampaio, 1993). Ocorre a lógica da integração dos opostos, o que por si conduz à integração do que é ideal e do que é rejeitado. Como tal, o luto do corpo ideal, da posição narcísica e ideal de si, das imagens paternas e maternas (ex. Complexo de Édipo, lógicas relacionais narcísicas, perda do ideal paterno e materno), o que permite a posterior identificação aos grupos e ídolos de referência e constituição de novos ídolos e ideais com que se identifiquem, à construção da identidade social, educacional, cultural e profissional futura de forma harmoniosa e sadia. Neste sentido abre-se espaço à formação identitária, integração dos polos de dependência e independência/autonomia, estabilização da ambivalência e possibilidade adaptativa ao meio. Novas defesas deverão surgir como a capacidade sublimatória, ou resolução e possibilidade de recalcar as memórias/fantasmas. Por outro lado, todo este processo passa-se desde o cunho da identificação pelo igual, pelo indiferenciado e pelo diferente (ex. identificação ao grupo de pares, professor), numa estruturação do que é interno e do que é externo, do que é do eu e do que é do outro. Este processo será conduzido pelos constantes conflitos entre o que é regressivo e o que é progressivo, entre o que é da ordem das partes psicóticas e neuróticas da mente, entre lugares, ou seja, o reflexo do conflito ambivalente (Coimbra de Matos, 2012). Com estes processos, constrói-se um determinado tempo e espaço, um lugar identitário e identificatório intersubjectivo, pelo que algo surge, um terceiro (Fialho, 2017) permitindo o desenvolvimento com partes de um e de outro, numa referida relação intersubjectiva que transforma, transformante, transformável, exploratória e organizadora da mudança interna. Como tal será necessária uma adaptação às características emocionais, cognitivas e emocionais dos adolescentes por parte dos próprios, dos pais e de terceiros intervenientes na vida dos mesmos.

A escola apresenta-se como o lugar onde as lógicas relacionais e as projecções do desenvolvimento psico-sexual tendem a surgir com grande impacto (Strecht, 2011). O tipo de relação que os professores estabelecem com os alunos e vice-versa, as gratificações narcísicas de se sentir

ser capaz e se sentir ser amado pelo professor e pelos alunos, o facto de sentir ter um sentido e objectivos claros, as relações que se trazem de casa e manifestam no contexto escola. O conhecimento e a capacidade de aprendizagem, estão sempre relacionados com o tipo e relação que se estabelece, sendo o conhecimento mais profundo, ou o que adquire raízes mais profundas, aquele que se conjuga com uma excelente relação, compreensiva, empática, ou o amor na própria relação, do estar com e para o outro. Este conhecimento permite solidificar pontes internas no aluno, organizar, criar consistência e coerência, estimula o confronto entre o desejo e a frustração, devesa promover um sistema que não funcione por colagem de conhecimentos e repetição dos mesmos, mas sim pela expansão, transformação, ligação e criatividade. Devesa existir uma educação que não prima pelo resultado, pela perfeição, pela excelência, mas sim pelo respeito do tempo do aluno, que se centre na criatividade na aquisição dos conhecimentos, que assente em programas de desenvolvimento de competências pessoais, relacionais, sociais e activas, devesa ser atenta a momentos de transição e promover um envolvimento social, familiar, docente, cultural e político. Estas ligações, entre os alunos, escola e sociedade, serão extremamente importantes so desenvolvimento e integração dos jovens em sociedade, bem como, da crescente capacidade de sinalização das problemáticas que venham a surgir (Strecht, 2011).

Por fim, Strecht (2013) refere que será muito importante reflectir sobre determinados temas. As âncoras psíquicas servirão enquanto pilares internos dos adolescentes, continentes ou bases seguras que lhes permitirão a confiança e consistência, com capacidade de pensar sobre os pensamentos, de forma a puderem munir-se de capacidades para enfrentar o meio envolvente. O adolescente procura um eco, um espelho, um lugar onde se depositar, onde possa reflectir, pensar, sonhar e desejar, procura desenvolver-se e reparar-se. Estes procuram sarar a dor passada e criar novas pontes, novas relações a quem se possam identificar-se e transformar-se ao longo do seu desenvolvimento. O outro que permanece com o adolescente, tem o papel de fornecer relações empáticas, onde os sujeitos se ligam internamente, possibilitando o espelho, a existência de um dentro do outro, saber que se vive na mente do outro e vice-versa. Neste lugar o adolescente devesa poder recordar,

re-construir e sentir que pertence a algum lugar, que se liga e que existe uma continuidade a algo ou a alguém.

O tempo para parar e pensar de forma reflexiva será essencial. Aqui, dever-se-á promover o bem estar físico e emocional, a capacidade de autorregulação interna com controlo de impulsos e reação, ação-comportamento. Deverão existir objectivos e intencionalidade, bem como a promoção e construção de uma narrativa interna, de um espaço tridimensionalidade com vida e existência. Estas construções deverão ser preconizadas com prazer, imaginação e desejo de experimentação via tentativa e erro. Como tal, o envolvimento consigo mesmo na promoção de um verdadeiro self, deverá ser o motor base de desenvolvimento identitário e, portanto, a compreensão sobre o sofrimento e pontos traumáticos do próprio desenvolvimento. A existência deste espelho, deste filtro reflexivo, fará com que os conflitos e as problemáticas sejam analisadas e integradas. Por exemplo, temos a problemática relacionada com a progressiva autonomização, mecanismos de identificação com o grupo, imagem corporal e desenvolvimento psicosexual e a construção do corpo, por fim, a entrada em adulto, por de entre outras problemáticas enumeradas.

Strecht (2018) introduz um conceito muito importante, que diz respeito à capacidade de ligar e desligar em relação do eu ao outro, ou do mundo interno ao mundo externo. De acordo com este conceito, as pessoas deixam-se ficar adoecidas pelo centramento narcísico, pelo excesso de informação, pela desresponsabilização e deslimitação e inconsequência dos actos, originam perturbações de comportamento como os actings, desafio, oposição, dificuldades em pensar, medição das consequências dos actos, bem como a dificuldade em representar em mente uma imagem do objecto relacional. Aqui, a desligação actua como um conceito que prima pela capacidade progressiva da noção do outro, da quebra da relação dependente e da integração mental e física do outro, com a atitude simbólica de não ser uma relação fusional, mas sim, complementar e de estar com e para o outro e a relação. O conceito de desligar tem por base a capacidade de ter o objecto guardado em si, pelo que quando esse desligar ocorre em pessoas nas quais esses objectos relacionais não são estáveis e integrados, dá-se o emergir do que é falso, do que falta, do que é concreto e isento de simbolização ou

sublimação e ocorre a reação impulsiva. Por outro lado, o não estar desligado pressupõe a não integração do que é narcísico, como se o outro fosse uma parte que se evapora deixando um vazio, promove o fraco tempo de tolerância da frustração e a brevidade em ter, ofusca-se o ser ou a existência, os padrões relacionais baseiam-se em onipotência e dependência emocional, dão-se movimentos cada vez mais regressivos e ocorrem grandes clivagens entre o que é realidade e fantasia, bem como entre uma barreira do comportamento e psíquica e a ausência da mesma, como se o sujeito pertence-se a uma relação fusional com o outro. O desligar pressupõe então a disponibilidade para o eu se pensar, se preencher de conteúdo do eu e do outro e se integrar.

Sobre os comportamentos auto-lesivos

Os comportamentos auto-lesivos estão cada vez mais presentes nos mais variados contextos étários. A cada dia começam novos “Challenges”, como a baleia azul, ou a Mome, onde se estabelecem desafios e que possibilitam um lugar de desimpedimento e passagem da dor que não é sentida mentalmente para o corpo, tendo por base um contexto suicidário.

A dificuldade em pensar e ligar internamente as problemáticas, neste caso, da adolescência, fornece a impossibilidade de sentir a dor, onde os sujeitos em causa, deixam de se sentir vivos. Esta insuportabilidade leva a um estado de encurralamento ou aprisionamento do qual não consegue sair, pelo que, desesperadamente procurará qualquer saída que seja.

Aqui, a ferida em aberto, no corpo, é simbólica da ferida interna existente no sujeito que se corta, quando o sujeito se corta, ele tem uma sensação de estar vivo, um certo prazer, uma certa excitação, contudo, logo a seguir um desespero por ficar com os cortes e sem conseguir dar nome ao porquê constituindo-se posteriormente numa dor impensável e desligada.

Os cortes, como forma evacuativa desta mesma dor, servem então para a passagem desta dor mental, do que não é possível de ser pensado, sentido, articulado, de emoções/conflitos que muitas vezes nem se sabe que existem ou de temas que nem se sabe que são importantes,

como se houvesse um desligamento da vida concreta e da vida subjetiva. Em todo o caso, não poder-se-á pensar este desligamento como Strecht (2018) aponta, mas sim, uma outra forma de desligamento, como se o sujeito adolescente, desligasse esta dor no seu espaço interno, como que uma dissociação de uma parte de si, ofuscada e mantida na sombra do seu espaço mental. Como tal, originam pontos cegos, isentos da compreensão, transformação e re-organização necessárias e típicas do mundo adolescente. Daqui surge um hiato, um não-lugar, onde os adolescentes não existem a não ser no seio da sua dor.

São jovens que facilmente se isolam, sentem desesperança, desmotivação, sem lugar, com relações superficiais, e que se apoiam no grupo de pares, muitas vezes contaminados com contextos idênticos. Sentem que nada os ajudará, impregnados de conflitos parentais, desde ou práticas coercivas e autoritárias até práticas negligentes do ponto de vista da compreensão do processo inerente ao adolescer. São jovens incompreendidos, que facilmente estabelecem relações de dependência com quem os pretenda pensar. Existe, também, uma sensação de sem esperança e sem ajuda possível, como se estivessem perdidos num buraco negro tal como grotestein sugere. Os adolescentes ficam com esta dor, sofrimento mental atroz ou sem nome tal como Malpique sugere, nem um lugar onde puder colocar os pensamentos, criar ligações, vinculações seguras e capacitadas de transformação no seio da relação com o outro. Daqui fica uma dor, impossibilitada de ter expressão quedando na não existência, um lugar não existente e impedido pela falta de recursos mentais disponíveis para compreender, conter, transformar e re-organizar o mundo interno do sujeito que se corta.

A Problemática da dependência e independência, ou separação individualização, é extremamente importante no relacionamento pais-filhos (Fleming, 2005). Nesta problemática entram em conflito as expectativas dos pais, a crise de desenvolvimento dos próprios pais que acompanham os próprios filhos, os adolescentes que os pais já foram podem inibir, reprimir, ou potenciar o desenvolvimento, sadio ou não, dos filhos adolescentes, a parentificação dos filhos (quando os filhos assumem os papéis dos pais em si e se transformam em utilitários ou extensões narcísicas projectivas do elemento familiar), o sentimento do adolescente por sentir que está amarrado aos seus pais, como que se

sentindo desleal por se separar e o sentimento de perda que surge pela separação em si. Neste sentido, o adolescente tentará negociar o poder e a autoridade sobre si próprio, o que poderá aumentar os conflitos, os actos deslimitados, quebrar regras, ter a sua opinião cada vez mais definida, mudança de papéis mas com manutenção dos lugares e hierarquia, flexibilidade, adaptabilidade, capacidade de tomada de decisão e capacidade de mudança. Neste sentido, a separação/individuação carrega sempre o peso da re-negociação e re-transformação da dependência física e psicológica (ex. elementos fusionais e triangulares).

A auto-mutilação tem vindo a associar-se a problemáticas relativas à separação-individuação. Fleming (2005) aponta que o desenvolvimento psicológico decorre/ocorre numa certa tensão entre os processos de vinculação estabelecidos pelo adolescente e terceiros, com o processo de separação-individuação. Estes processos mantêm-se ao longo da vida do sujeito, como necessidade básica de criar vínculos, ligações entre e com outros, numa lógica de encontrar proteção, segurança e um lugar, enquanto porto seguro/continente. Estes processos tendem, apesar de serem mantidos, virem a sofrer alterações na forma como surgem na vida, quer das crianças, quer dos adolescentes. Sobre a auto-mutilação, a investigação tem referido que pode ser o reflexo de uma tentativa de auto-regulação emocional, auto-punição, dissociação, controlo do stress interno e defesa contra o suicídio, de entre outras (Kortge, Meade e Tennant, 2013). Já Young et al., (2014) consideram que a auto-mutilação poderá estar relacionada com o desejo de receber mais atenção dos outros, para ter a atenção dos pais ou provocar uma reacção na relação entre ambos, bem como, estancar os pensamentos e emoções maus.

A separação gera angústia, que necessita de ser compreendida. Tendo em conta o mundo interno, a ligação emocional em movimento constante, o trauma da separação, do nascimento do sujeito, a relação estabelecida entre sujeitos e a cesura, o corte que surge nos mais diversos contextos internos (Fialho, 2017). Neste sentido, a cesura, ou ruptura consiste numa separação brusca e traumática do sujeito ao objecto, sem que o tenha representado consistentemente no seu espaço mental, sem que surja uma ligação emocional segura e em que haja uma certa indiferenciação entre sujeito e objecto. Já a separação tem como

significado ser o eixo central do sujeito, pelo que define a identidade do mesmo, o prelúdio do estar separado e diferenciado do outro, a capacidade de estabelecer vínculos seguros e ligações, conexões, separações tendo o outro representado, diferenciação do dentro e fora, do masculino e feminino, amor e ódio e a restante construção interna. Será então necessário um objecto transitivo que venha a possibilitar a representação, compreensão, transformação e organização do respectivo mundo interno quando em contexto de separação, ou seja, uma representação do outro, uma experiência desse mesmo outro na possibilidade de constituir um lugar organizador.

De acordo com Fleming (2005), em referência às suas diversas citações, desde Margaret Mahler, Spitz, Freud, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Brazelton, de entre outros, surge que os pais, enquanto meio relacional e objectal possuem papel determinante na construção do vínculo e catalisadores ou agentes primários no processo de separação individualização, bem como do estabelecimento de barreiras para-excitatórias que vêm a permitir a emergência de um aparelho de pensar pensamentos, embora que rudimentar, que se organiza sob cunho de determinados mecanismos defensivos e que, com a maturação própria de cada individuo inserido no seu ambiente, seja ela emocional, cognitiva ou social, vem a possibilitar a emergência de uma determinada estrutura de personalidade. Como tal, existem organizadores que, não apropriados à discussão exaustiva neste artigo pela sua pertinência, serão publicados num próximo.

De forma a ocorrer o processo de separação-individualização, recorre-se a Ogden e a Winnicott, Bion e alguns dos seus conceitos (Fialho, 2017). Como tal, a intersubjetividade coloca na relação, determinadas dinâmicas relacionais tendo em conta dois mundos subjectivos, mãe e criança, ou terapeuta paciente. Neste espaço mental de co-criação, modelos internos, objectos internos, padrões relacionais internos, fantasias, desejos, angústias e defesas tendem a emergir como forma de repetir para reparar, sendo a relação ou o espaço intersubjectivo o palco para tal projecção. Normalmente estas projecções dizem respeito à transferência e à contratransferência. Este espaço pretende ser o organizador do caos interno, o ligante entre a experiência, afecto e a palavra, bem como com o corpo. Como tal, e pela ação da Rêverie e transforma-

ção continente-conteúdo, permite a emergência do terceiro (do que é co-criado) para possibilitar novas ligações, vinculações, identificações e preencher ou re-constituir pedaços do self, da identidade do sujeito, bem como de criar limites no sujeito, ou barreira de para-excitação ou barreira de contacto ou pele psíquica. Sobre o espaço potencial, (Fialho, 2017) refere que quando este espaço não é produzido entre a mãe e o bebé, que serão criadas defesas como a utilização objectal oriundas de um confronto realidade e fantasia (imagens semelhantes), o uso defensivo da realidade, falta de imaginação, envolvimento com um objecto fetiche e ser um espaço de vazio e tristeza e de não existência. Assim é essencial a presença de alguém perto da pessoa, que sonhe, que construa, que transforme e possibilite ao outro integrar, reproduzir consigo mesmo e levantar voo.

De acordo com Fialho (2017) o ser humano vive constantemente num mundo interno em estado de caos. Estas partes, podendo ser desejos, fantasias, angústias, ansiedades, medos e conflitos internos têm necessariamente um reflexo nas partes psicóticas e não psicóticas da mente, ou do que será patológico, dos bocados da mente dispersos, desconectados, desconhecidos, imperceptíveis e incompreendidos e integrados da mente. De acordo com Laufer (2000) este caos pode ter vários sintomas, sendo os proeminentes a relação com os pais, com os pares, figuras de referência, a imagem de si sobre si e a imagem dos outros. Dentro do caos e a capacidade de responder perante e sobre o mesmo, o sujeito deverá procurar estabelecer um certo equilíbrio interno. Contudo e atendendo às tensões psíquicas que surgem, muitas vezes estes contextos passam despercebidos, como se não houvesse um lugar onde estes adolescentes pudessem consistentemente e de forma constante, depositar, serem contidos, transformados e modificados. Aqui, os sujeitos podem entrar num registo de tensão interna, que se pode manifestar interna ou externamente, no sentido do comportamento, sendo que o limite dirá conta do colapso interno que o sujeito pode experimentar. Este colapso, será o culminar do referido estado de sem esperança, sem ajuda possível e de um corte com a realidade propriamente dita, face a diversos temas como o corpo, rivalidade, questões relacionadas com a prática/desenvolvimento sexual, culpa/auto-punição, agressividade auto-dirigida, elementos persecutórios, medo da perda do outro, sentimentos de vazio, desesperança,

sem ajuda, solidão ou angústias e ansiedades diversas, ódio a si mesmo sobre o corpo e a mente numa lógica de destruição e projeção da culpa pela incapacidade em ser amado e cuidado pelo outro; a não integração da identidade sexual e da masculinidade ou feminilidade e integração de fantasias infantis (os cortes podem ter um lugar de pré-suicídio, que pode lavar muito antes dos sintomas, que pelo isolamento dos adolescentes e a dificuldade de serem olhados e escutados pelos pais, vem a comprometer e a potenciar esses mesmos sintomas), tornando este outro como inútil. Estes conflitos, evidenciam a procura desesperada de um lugar que pense, repare e re-construa (de entre outros) tendem a surgir nos adolescentes que se cortam.

Na maior parte dos casos que tenho tido conhecimento, a criatividade, como sua expressão pela arte, ora pela escrita, ora pela música, fornece um apoio que potencia e possibilita, muitas vezes, a emergência dos conflitos desorganizadores do sujeito. Neste espaço, que poderá ir desde um desenho, a uma sessão de terapia ou o encontro entre mãe/pai e filho, a criança, ou adolescente consegue organizar o seu mundo caótico e criar linhas de significado, simbolização que lhe vêm a permitir passar de um estado de não existência, não integração ou não simbolização, para estados integrados, simbolizados e existentes. Estes adolescentes, à semelhança do que Laufer refere (2000), apresentam-se dissociados, despersonalizados pela sua dor, sem rumo ou motivações futuras, desesperados, confusos e perturbados, os jovens acreditam que os cortes e os pensamentos suicidários são o escape a esse caos, bem como e mais importante, à sua incapacidade de pensar sobre, de transformar e integrar. Neste sentido, a vontade de silenciar/evacuando, leva o adolescente a libertar-se do que irrompe. Muitas vezes estes cortes ou pensamentos podem surgir sobre um acontecimento específico, ou podem simplesmente surgir sem razão aparente, ou seja, de forma espontânea. A possibilidade que os adolescentes confinam ao significado dos cortes, permite a vivência de um controlo onnipotente sobre eles próprios, controlo sobre a sua mente e corpo, muito embora seja o culminar do descontrolo interno.

Quando o corte ocorre, o adolescente move-se numa angústia e sofrimento sem nome, pelo que quando esse movimento decorre, esse mesmo sofrimento e angústia esvaziam-se e torna-se vivo. Contudo, a

culpa de o ter feito, e a vergonha que sentem, levam a esconder e a não tornar descoberta essa mesma dor e angústia, talvez, por não terem um lugar onde possam depositar e confiar incondicionalmente, sem medo que o outro seja destruído por esse ódio que carregam. Este acto, podendo ser interpretado como algo impulsivo, é um primeiro sintoma de uma escalada pré-suicidária, um estado de alerta e de socorro em que o adolescente ainda se mantém vivo, contudo em perigo de colapsar. Estes adolescentes, normalmente e associando às questões do desenvolvimento e sexuais, têm uma excessiva proximidade com os pais e muitas vezes os cortes surgem no decurso de contextos violentos nas suas vidas, traumas que se incrustam na relação dos outros consigo, e que depois infernizam a relação do eu com o eu. O propósito da psicoterapia será fornecer ao adolescente novas formas compreensivas sobre si, formas que possam auxiliá-lo a pensar-se e a conseguir transformar o seu lugar psíquico.

Como tal, os cortes tendem a assumir uma função defensiva e, de certa forma, capacitante, embora de forma incapacitante, de lidar com questões internas que não podem ser compreendidas e integradas de outra forma possível. (Plante, 2007) apontam as mudanças da puberdade, físicas, emocionais, cognitivas, maturação sexual e escolha de objecto de desejo, identificação e constituição identitária, sociais e relacionais, de forma precoce ou não, como fontes problemáticas e de enorme tensão. Exemplificam com os cortes, o acto impulsivo de não gestão das emoções e compreensão das mesmas, como forma de lidar com a solidão e a ausência do outro, pela necessidade de manter o controlo sob o seu estado interno, como um reflexo de culpa, o sentimento de que a sua identidade se tende a esfumar (i.e., como se partes de si desaparecessem, perdessem a existência), estados ambivalentes, desorganizados e impulsivos (acting out). em todo o caso, tal como os falhanços escolares, abusos de substâncias, risco, rebelião excessiva são aspectos preocupantes da adolescência, os cortes, ou automutilação, significam um caminho patológico que o adolescente começa a travar dentro de si. De acordo com (Plante, 2007) os cortes podem ainda ser o reflexo de problemáticas corporais, enquanto forma de se punirem pela auto-imagem negativa deles próprios, ou a culpa num sentido geral, com o objectivo, geral, de tomarem controlo, aliviarem o stress e comuni-

carem complexidades internas aos outros. A incapacidade em pensar e gerir as problemáticas emergentes, poderão fazer com que o sujeito não se desenvolva e, novamente, os cortes podem chegar como reflexo de uma crise interna.

Sobre a criatividade¹

A criatividade representa-se enquanto mecanismo que o sujeito usa de forma a poder (re)construir-se. Entende-se como sendo uma qualidade humana que conjuga a intencionalidade, persistente e sistematizada mobilização do desejo do sujeito em relação a algo ou a alguém, e um produto final, original.

Este desejo, movido pela necessidade de responder a algo, que canaliza a um objecto, ou relação, que impele à criação, ao novo, aquilo que o sujeito sente que necessita de resposta, ser respondido, compreendido, que se liga com a história do sujeito, do que é trazido a discussão interna e portanto, com mobilização de recursos internos à construção e transformação do que a esse desejo se liga. Este vínculo que o sujeito criou na sua memória, no seu passado com os seus objectos internos e relações, fará com que, no presente, por via da criatividade, meio da descoberta do sujeito a si e com o outro, fará com que seja re-avivada uma turbulência afectiva que, por meio da criação, da arte que é tornada agida, poderá ser um veículo à compreensão e significação desses lugares inóspitos da mente.

Como tal, o sujeito existe na, e para além da arte. Aqui, o sujeito esboça uma narrativa psíquica através da obra de arte criada, do original que emerge e que representa partes históricas do sujeito. Aqui, entender-se-á a memória como um lugar possibilitador de conexões emocionais, ligações que irão permitir a simbolização e construção do sujeito no para lá de si, no futuro, em novos lugares a alcançar. Como tal, o sujeito que cria parece retirar-se da realidade, ligar-se a um qualquer espaço, tempo e lugar internos, de onde emerge o esboço do que é criado, como se a arte, sob forma de música, escrita, pintura, fossem

¹ Esta secção foi elaborada com o resumo de conceitos das seguintes referências: (Dias, 2015; Delgado, 2012; 2011; APPPP, 2011; Milheiro, 2005; Dias e Monteiro, 1998)

imagens, trechos ou palavras simbólicas desses mesmos lugares, espaços e tempos interno. Posteriormente, o sujeito volta a si mesmo, conseguindo portanto a passagem entre o que é real e o que é fantasioso, fantasmático, inconsciente.

A noção de criatividade transporta em si mesma uma sensação de busca e exploração de conhecimento, quer do meio interno, quer do meio externo. Esta posição de partida ao desconhecido, tem que ter por base a ousadia, a intencionalidade da descoberta e do fazer feito, da capacidade autopoética de criar, objecto criador, objecto interno do sujeito que possibilita a criação.

Portanto, existe na construção da obra interna do sujeito, uma sensação de inacabado, que possibilita o questionamento que, aliando-se à sensação de desconhecido, tem-se a misteriosidade, uma sensação de curiosidade e estupefação com o descobridor e aquilo que vai sendo descoberto e a abertura à vida, permitindo retomar, ou o continuar, do que foi descontinuado no desenvolvimento do sujeito, ou seja, o que é desconhecido.

O sujeito parte, então, de um certo caos interno, ou partes caóticas, que precisam de uma estrutura, organização, representação ou simbolização, para uma ideia que ganha forma por meio de uma tela de representação, inscreve-se num determinado ofício e desse ofício nasce a obra, a vida que possibilita o sujeito, ou o sujeito que se faz possibilitar na vida.

Será neste sentido, que se estabelece um diálogo interno do sujeito para com o(s) seu(s) sujeito(s) dentro de si próprio, um espaço de relação, potencial de desenvolvimento, crescimento, construção e transformação, onde tudo se transforma e nada se perde. Neste sentido, emerge a noção do par, do par em que o sujeito se encontra nessa referida fala consigo mesmo, com os seus objectos internos, representações das relações, portanto, ao sujeito requer-se a laboriosa tarefa de significar, numa lógica intersubjectiva os seus objectos internos, representantes relacionais do seu espaço e conteúdo mental.

Será na fenda, na falha, na falta, que a criatividade emerge, pela expressão do simbólico, num estabelecimento vincular com a fantasia/imaginário fantasmático.

Existem tensões entre indivíduo e o grupo. Neste, o indivíduo nasce com a sua obra com uma emergência de um certo ódio canalizado

à constituição do que novo tende a ser criado, portanto, emerge uma certa consistência transgressora face ao comum, velho e gasto da sociedade que não cabe ao sujeito, que não lhe serve, que tende a ser destituído de lugar e significado porque usado e sem sentido, sem acrescento de valor ou conhecimento, mais do mesmo, com espessura mas sem criação da mesma. Aqui, criam-se outras unidades de significações, não querendo com isto referir que o velho é esquecido, não, ter em conta que o velho foi o que possibilitou a emergência do novo, porque sem este velho, não se conseguiria questionar, da necessidade de questionar para que serviria a emergência do novo. Por outro lado, o Grupo pode ser libertador e expansivo, ou aglutinador e aprisionador. Neste sentido o sujeito pode identificar-se, ou pode revoltar-se contra o mesmo, bem como pode permitir que algo de si seja contido no grupo à semelhança do seu semelhante.

Esta norma transgressora permite o sujeito saber mais, de si e do próprio mundo em si, sendo que quando o sujeito se permite vir a saber mais de si e do mundo, torna-se mais culto da história de si, da história do outro. Este movimento, transformador do próprio, tem um carácter libertador. Assim, espera-se que o sujeito consiga transformar, por via da compulsão à repetição, ou à enunciação da obra, como que um lugar do sonho que seja compreendido e seja reflexo da via à compreensão do conflito, do anseio fantasmático inconsciente que anseia por ser re-descoberto e re-definido.

Neste sentido, o ambiente deverá funcionar enquanto um espaço que possa possibilitar a continuidade da sua existência, o retomar e o imaginar-se.

Pela criatividade, existe uma função, o sonho, rêverie, que permite imaginar, construir, transformar, pensar, compreender ou mesmo encarar a força da inquietude, da irrequietude, inspiração que brota do motor de vida, da pulsão de vida, da abertura à vida, do combate à pulsão de morte, ao negativo, e da capacidade de elaboração do mesmo. Neste sentido, o sujeito sonha sobre o que trás e invoca este sentimento negativo, normalmente associado a sensações, emoções, experiências consideradas negativas, retidas sobre o seu inconsciente. Tal actividade, permite o conhecimento da realidade última, ou de uma aproximação a esta, do facto, da essência que é negada ao sujeito e que este nunca irá

pertencer, porque impossível de conhecer a realidade última, será antes o motor, motivo de a conhecer, que torna o ser humano mais sábio na sua demanda.

Em Coimbra de Matos (2007), podemos recolher que a criatividade será o motor do ousado, do sujeito que ousa ir em frente, criar, transformar, originalmente fazer o que ainda não foi feito, ou enquanto percurso da ideia feita, melhorar o que já existe. No entanto, e em todo o caso, o sujeito move-se por um conjunto binário ou bi-lógico de funcionamento, ou seja, pelo pensamento lógico (do estar vigilante e atento ao real, ao que é manifesto) e pelo pensamento intuitivo (pensamento do sonho, do estar distraído, captar o que está dentro do outro, captar o que não se vê a olho nú, aquele que procura as evidências ocultas, impressões subliminares de acontecimentos, corporais e mentais, de si e do outro).

Neste sentido, e como anteriormente explicito, existe uma certa transgressão ao que é admitido, pensado e sentido, na mente do criativo, existe uma busca para além do que existe, para além de si mesmo, existe um produtivo, produtor da novidade que, por si mesmo, será crítico do melancólico que se prende numa escuta baixa e sem alma. O ser humano, será então um percussor da exploração, é explorador por natureza, desimpedido, será amante do conhecimento, liberto, curioso, ousado e por meio da autodisciplina, fazedor de ritmos, desejos e propósitos. Aqui, os obstáculos poderão surgir, caberá ao sujeito pensar, articular, transformar e facilitar o caminho da aprendizagem, onde o professor, o outro, irá assumir um lugar propulsor da excelência e da acção espontânea do aprender.

A criatividade terá como eixo dinâmico o brincar, e quem se refere ao brincar, podemos reportar ao existir, ao escrever, ao desenhar, pintar, musicar, ou a outras formas de produzir arte e de pensar arte, sendo essa a arte reflexa do sujeito. Fomenta-se o imaginário e simbólico, e abrem-se novas passagens à possibilidade de novas possibilidades. Aqui, constrói-se o lugar do sujeito, interno e externo, no mundo social, uma pertença do sujeito que se cria por via do brincar, do historiar, explorar. O acto de criar pressupõe um acto instantâneo genuíno e real, onde o sujeito ousa por tentativa e erro, aperfeiçoar a técnica de existir, a técnica de passar conhecimento e criar outro conhecimento. Será por

tentativa e erro que a correção advém e, enquanto instrumento de criação de cultura, o poeta, desenhador, pintor, músico, indaga-se sobre o real e cria essa tal novidade, esse novo e, quem sabe, fomenta a criação de uma nova relação com o mundo a partir desse mesmo novo, dessa mesma novidade.

O artista que esculpe a sua existência, vem a tolerar o novo, a dúvida inerente à própria criação, tolerar o conflito e a tensão que dele emerge, tolerar a experiência da aprendizagem e a aprendizagem que provém dessa experiência. A aprendizagem num espaço potencial de desenvolvimento psíquico e criativo da mente, delirante e que permita o pensamento em movimento desorganizador e organizador, em que o sujeito se projecta na obra, quase como que de uma forma catártica, onde a obra será a identificação projectiva deste mesmo artista. A obra de arte deverá conter as necessidades, separações, perdas, lutos, vazios, dramas conflitos e enredos, desamparo e emergência da loucura ou da ansiedade, deverá ser uma tela identificatória do mundo interno do sujeito.

Refere Coimbra de Matos (2007) que este brincar, enquanto criador do novo, se sustenta à construção de instâncias, como a relação amigável de colaboração e ou competição, auto-imagem, amor-próprio, auto-conceito, consistência e coerência do self de uma identidade do Eu, do artista, permitindo o desenvolvimento e progressão artística do sujeito. Este gozo, que se extrai do brincar, do criar, terá de ser duradouro, ou seja, como o ditado diz, ensinando a expressar a forma como se cria e se pesca o alimento que advirá desse mesmo pescar, desse mesmo brincar, desse mesmo ousar e criar.

Neste sentido, pode-se referir um nascimento do sujeito, da mente, do aparelho de pensar pensamentos, como que um processo de amadurecer onde o sujeito reencontra a sua infância perdida, lhe estende a mão e parte na busca e procura da reparação dessa mesma criança. Inerente ao processo de nascimento, ocorre o processo de desenvolvimento, onde se promove a passagem de um estado de dependência ao estado de independência. Esta infância, perdida, terá partes que necessitem desse olhar, dessa capacidade de pensar e compreender, ligar e transformar, da possibilidade de entrar em contacto consigo mesmo, da possibilidade de elaborar a sua realidade interna, de subjectivar num tempo, num espaço, num lugar, de perder e recuperar/repetir. O nas-

cimento do sujeito, retomando parte do desenvolvimento do mesmo, nascendo com o olhar, sorriso, palavra, musical, toque, cheiro, forma e conteúdo, em espaço, tempo e relação, ou seja, de completar o incompleto e inacabado e construir além de si mesmo, fornecendo, posteriormente, um sentimento de unidade, coesão e estrutura.

Contudo, a criação da obra de arte pode ser experienciada como o representante do traumático, ou seja, a reparação das partes traumatizadas do sujeito. O sujeito, por intermédio do terceiro, espaço potencial, irá evocar as partes feridas, traumatizadas do self. Aqui, dá-se a possibilidade de re-criação como forma de escapar ao encarceramento da realidade, unindo o que advém da realidade externa, ao que advém da realidade interna. Tal movimento, permite posteriormente o desenvolvimento do verdadeiro self, onde o sujeito através de si próprio, como projeção na obra de arte, vai reparar estas partes que contêm um sentimento de destruição, onde se pretende recordar, evocar e, como se indica, reparar.

Largamente discutido, afirma-se o valor da criatividade enquanto objecto de comunicação, a obra de arte que tem o valor comunicacional do eu interno, muitas vezes inconsciente, com o que é externo, com o outro, no referido espaço intersubjectivo.

A primeira surge com a sublimação, sendo a capacidade de criar, do autor, transformar a ferida num certo simbolismo, fornecendo um lugar permanente de transformação das pulsões sexuais e agressivas que estão presentes no seu interior. Uma parte das mesmas que se canalizam à descoberta/conhecimento e uma outra que se canaliza ao objecto, num intuito de progressão e desenvolvimento/autonomização.

A segunda surge com a reparação do self danificado, onde a arte e a criatividade permitem fornecer um sentido, ligação, simbolização do trauma do sujeito, onde este irá tentar reparar a perda do objecto, reparando o objecto interno, o sujeito que foi guardado dentro do seu self, o sujeito que repara e re-constrói o outro dentro de si, investindo no respectivo objecto. É o representante da posição depressiva, onde o self sente que foi danificado, simbolizando-o, através da obra criadora e os impulsos construtivos. Esta suposição teórica pressupõe o desenvolvimento e autonomização do sujeito num contínuo, onde se passa de uma forma desorganizada, do ponto de vista interno, a uma forma organizada e coesa, reparadora e investidora do outro.

Por fim, a existência de uma função continente que venha a permitir um olhar sobre as constantes passagens entre formas desorganizadas dentro do self do sujeito, para formas mais organizadas, onde o sujeito oscila de um ponto para outro, no que se estabelece como flexibilidade criativa. Aqui surge a organização das partes para o todo e do todo para as partes, dentro do que é primário para o que é secundário, procurando a unidade, estabilidade e coesão interna, protegendo o sujeito da catástrofe e instabilidade psíquica. Assim, um continente que acolhe, simboliza, liga e possibilita a transformação sucessiva do mundo interno. Aqui, a criatividade pela expressão do sujeito, surge pela passagem de estados desorganizados a estados organizados e vice-versa.

Discussão

Em primeira hipótese, os cortes tendem a assumir uma característica de ruptura, um sinal de emergência interna que se caracteriza como uma ferida externa. Será relevante ter em conta a desordem, desorganização, falta de consistência e coerência, falta de adaptação aos seus estados e aos estados do outro ou do meio ambiente, uma certa descontinuidade ou lacunas no tipo, estrutura e conteúdos dos relacionamentos com os pares.

O sujeito necessita de uma re-organização criativa do self (Barata, 2019). Este conceito pressupõe a construção de uma barreira mediadora por via de um objecto mediador que origina uma relação mediadora, que vem a possibilitar à área de não-representação do pensamento (e ao diálogo mente/corpo) o estabelecimento de pontes criativas internas, que possibilitem sucessivas organizações e desorganizações identitárias do sujeito, sem que este se perca. Aqui, pretende-se que o sujeito reviva em si fantasias, angústias, ansiedades, experiências e partes do self, sem que se caotize, ou desorganize. Assim, por via da relação estar para e com o outro, pretende-se que o sujeito se vá integrando, elaborar o impensável, internalize os objectos internos e a relação. Num sentido lato, pretende-se que o adolescente venha a construir uma nova relação, um terceiro, que transforme e modifique quem o sujeito é.

Assim, coloca-se a hipótese dos meios criativos serem um mecanis-

mo que possibilita ao sujeito, por via da relação emergente com o clínico e com a relação emergente com a própria obra de arte, puder vir a fornecer significado, quer ao processo adolescente em si, pela explicitação, compreensão e transformação das problemáticas emergentes, que posteriormente origina a problemática da auto-mutilação. Desta criatividade ou do lugar criado, surge um terceiro, que poderá ser pensado em conjunto com o clínico. Muitas vezes poderão existir teorias sobre o lugar que os conteúdos formados têm na mente do adolescente, pelo próprio adolescente, outras vezes poderão ser unicamente da ordem do espontâneo (Fialho, 2017), como que “não sei como fiz isto, mas se calhar quererá dizer algo” (sic.). Essencialmente, o espaço criativo permitirá a construção de um continente que contenha os seus conteúdos internos e que os transforme, um canal sublimatório à tensão e angústia emergente, bem como um lugar de reparação interna.

Como tal, podemos pensar na auto-mutilação como um lugar onde não existe tridimensionalidade psíquica, ou seja, existe um sintoma psíquico, acrescido de uma certa descompensação, originada por um sofrimento sem nome ou caos psíquico, onde o sujeito se vê sozinho, num estado de desespero e sem ajuda possível. A auto-mutilação surge como a evacuação desta dor sem nome, sem necessariamente ocorrer um pensamento sobre a mesma, ou seja, o sujeito esvazia-se para se sentir vivo, a dor que não consegue sentir mentalmente, passa para um acto agido da ordem corporal. Como tal, identifica-se a incapacidade de pensar e de dar sentido e encaminhamento (mentalização) do que se sente, mediante determinada problemática/conflito interno do adolescente.

A dissociação está presente no processo da auto-mutilação. Normalmente o acto de auto-infligir dor, pressupõe uma certa dissociação da experiência experienciada e a dor da mesma, sendo o corte uma forma de integração dessa dor, por via da atenuação da tensão e angústia sentida. Por isso, as tattsos, piercings ou algo que infliga dor no corpo pode ser visto como um sistema interno de cortes que implemente uma certa satisfação e atenuação da tensão e angústia em si. Por outro lado, pode ter uma conotação cultural e uma aceitação do acto em si onde o adolescente copia por outros, um sistema que lhe parece ser suficientemente bom de forma a lidar com as problemáticas emergentes (Plante, 2007).

Plante (2007) sugere que os cortes poderão surgir da intolerância a afectos maciços (que precisam de ser definidos no mapa mental do adolescente), desintegração caótica do seu mundo interno e do narcisismo (sentirem que o mundo interno está fragmentado, isolado, sem auxílio, sem esperança, hipersensibilidade ao outro, rejeição, culpa, inadequação e sem sentido) e a conexão com o outro e consigo próprio (será necessário colocar o adolescente em contacto consigo próprio, em contacto com o outro, explorar relações, escolhas, dúvidas e receios sexuais, angústias, sentimentos e emoções).

Os cortes podem assumir uma característica de comorbidade. Plante (2007) refere que este sintoma muitas vezes se associa a estados de ansiedade, de depressão, anorexia, contextos psicossomáticos bem como a nível do próprio desenvolvimento interno (dinâmicas estas referidas ao longo do presente artigo).

Especificamente os cortes podem assumir a função de defesa contra e sobre o processo de individuação e independência. Neste ponto, verifica-se que os adolescentes que se cortam têm dificuldades em pensar os seus contextos sem um outro que os auxilie. Esta hipótese relaciona-se com a defesa da dissociação, uma vez que uma parte de si se mantém dissociada da emoção, contudo, pode-se pensar sobre o lugar de rejeição de partes do self, ou seja, como se este mecanismo fosse o reflexo de uma dissociação, rejeição e posterior alienação de si. Por outro lado, necessita-se de pensar sobre a capacidade que o adolescente acaba por ter em pensar sobre os seus problemas.

Referências

- APPPP (2011). *Se..., Não...,*. Lisboa: Coisas de ler.
- Barata, J.A. (2019). *Viver o que falta - Pensando a Psicossomática*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2012). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Delgado, L. (2011). *T.A.T. e Criatividade: Estudo psicodinâmico*. Lisboa: Edições ISPA.
- Delgado, L. (2012). *Psicanálise e Criatividade - Estudo Psicodinâmico dos Processos Criativos Artísticos*. Lisboa: Edições ISPA.
- Dias, C.A. (2015). *O obscuro fio do desejo*. Lisboa: Fim de Século.
- Dias, C.A., & Monteiro, J. S. (1998). *Eu já posso imaginar que faço*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Fialho, O. (2017). *Psicanálise - Sujeito e Objecto na Cura Analítica*. Lisboa: Edições Colibri.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de Crescer - Psicologia da Adolescência*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

- Greenberg, J.R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Kortge, R., Meade, T. & Tennant, A. (2013). Interpersonal and intrapersonal functions of Deliberate self-harm (DSH): A Psychometric Examination of the inventory of statements about self-injury (ISAS) Scale. *Behaviour Change*, 30(1), 24-35.
- Laufer, M. (2000). *Adolescent Breakdown and Beyond*. London: Karnak Books.
- Mannoni, M. (1995). *Amor, Ódio, Separação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Marques, M.E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Milheiro, J. (2005). *O livro de Jonas*. Lisboa: Fim de Século.
- Plante, L.G. (2007). *Bleeding to ease the pain: Cutting, Self-Injury, and the adolescent search for self*. London: Praeger.
- Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruídos: Diálogos com adolescentes*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2002). *Ninguém morre sozinho*. Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar - Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Caminho.
- Strecht, P. (2005). *Vontade de Ser - Textos sobre a adolescência*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Strecht, P. (2011). *O vento à volta de tudo - Uma viagem pela Adolescência*. Lisboa: Verso de Kapa.
- Strecht, P. (2013). *O amor é uma ilha infinita - Crianças e adolescentes em crise*. Lisboa: Verso de Kapa.
- Strecht, P. (2018). *Pais sem pressa - O tempo na relação entre pais e filhos*. Maia: Contraponto.
- Strecht, P. (2017). *B´Teen é a vida dos adolescentes de hoje - As respostas que pais e professores procuram*. Lisboa: Verso de Kapa.
- Young, R., Sproeber, N., Groschwiltz, R. C., Preiss, M., & Plener, P. L. (2014). Why alternative teenagers self-harm: exploring the link between non-suicidal self-injury, attempted suicide and adolescent identity. *BMC Psychiatry*, 14, 1-23.